

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
BÊKA & LEMOINE – EM COLABORAÇÃO COM O MAC/CCB  
14 de março de 2025

## THE SENSE OF TUNING / 2023

Um filme de Bêka & Louise Lemoine

*Realização, imagem, som e montagem:* Ila Bêka, Louise Lemoine / *Correção de cor:* Melo Prino / *Mistura de som:* Walter Amati – Fuji Studio / *Música:* “Janani Vaishnavi”, Riddhi Joshi / *Tradução de marathi:* Rahul Srivastava / *Com:* Bijoy Jain / *Participação de:* Srijaya Anumolu, Kuldeep, Pooja, Makiul Sekh, MD Minarul Hoque, Ansur SK, Jugnu Vishwakarma, Umesh Sharma, Asraul, Nur Allam, Minar, Atiur, Anaul, Imran, Nasim, Rabbi, Naiul, Sabiul, Esrial Ali, Nuramil, Masidur, Ajmual, Birandar, Sakhubai, Imleebai, Anju, Atuyur, Prakash, Arjun, Sanjay, Umesh, Yogendar, Prem, Nirala, Ramsundar, Jogendar, Narayan, Rajesh, Rafique, Lakshman, Gorakh, Santosh, Narbhadur, Rupal Shah, Tejal Ruikar, Tsering Chosdol, S. Girikumar, Henal Savla, Anjali Jain, Urjasvi Mokashi, Kajal Salgaonkar / *Cães:* Koko, Chucho, Pepper, Panda, Koro, Pepito, Yuki.

*Produção:* Ila Bêka, Louise Lemoine (França, Índia, 2023) / *Financiamento:* Fondation Cartier por l’art contemporain / *Coordenação de programação:* Nena Aru / *Agradecimentos:* Bijoy Jian, Chris Dercon, Hervé Chandès, Isabelle Gaudefroy, Béatrice Grenier, Juliette Lecorne, Giorgio Mastinu, Dayanita Singh / *Locais de rodagem:* Studio Mumbai – Byculla, Armazem – Cotton Green, Tanque de água - Banganga Tank, Malabar Hill, Oficinas – Ghodapdeo / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e marathi, legendada em inglês, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia:* 12 de dezembro de 2023, Fondation Cartier (Ante-estreia) / *Estreia nacional:* 28 de junho de 2024, Arquiteturas Film Festival – Batalha Centro de Cinema / *Primeira exibição na Cinemateca.*

### Sessão com apresentação de Pedro Bandeira

---

No âmbito das atividades paralelas à exposição *Breath of an Architect*, preparada especialmente por Bijoy Jain para a Fundação Cartier (que a apresentou, em Paris, entre dezembro de 2023 e abril de 2024), a dupla Bêka & Lemoine foi desafiada a produzir um “retrato” do artista no decorrer dos preparativos da referida exposição. **The Sense of Tuning** resulta, assim, de uma encomenda. Mais que isso, a dupla teve muito pouco tempo para cumprir o “caderno de encargos” já que só pôde deslocar-se a Bombaim, onde vive o artista e se encontra o seu estúdio (Studio Mumbai), em outubro de 2023, tendo que apresentar o filme concluído logo em dezembro desse mesmo ano. Esta limitações produziram aquilo a que os próprios realizadores chamaram de um “esboço feito na hora”, um filme rodado num só dia, em contínuo, procurando registar a vibração da metrópole e procurando captar a postura de Bijoy Jain perante o mundo, a partir da descrição do seu quotidiano.

Depois da primeira sequência (em que somos lançados no caos do trânsito de Bombaim, com a câmara plantada num dos nervos rodoviários da cidade, e o som das buzinas a zunir ribombante), já após o genérico de abertura, a dupla de realizadores apresenta o primeiro de uma série de cartões que vão pontuando o filme. Esses cartões, sempre marcados pela hora do dia a que correspondem as imagens que se seguirão, subdividem o filme numa sucessão de episódios, organizados cronologicamente – seguindo o próprio movimento unívoco da rodagem. Cada um desses episódios vai, posteriormente, sendo “comentado” por outros cartões de natureza mais narrativa (como intertítulo de um filme mudo). A “ação” começa às 6h30 da manhã na “partida” (com a dupla de realizadores a tomar um táxi, do hotel em que está alojada para a casa-estúdio do arquiteto-artista plástico) e terminará mais de doze horas depois, pelas 19h00, sob o signo da fadiga. Caso restassem dúvidas, no final do filme surge a indicação: “Este filme foi rodado no dia 3 de outubro de 2023, com uma sensação térmica de 42º Celsius e uma humidade atmosférica de 82%”.

Extenuante é a palavra. Tanto pelo método adotado pelos realizadores para este filme (um movimento imparável de som e imagem), como pela própria movida urbana (os sons, a população, a circulação, as cores), pelo empreendimento artístico (a exposição de Bijoy Jain implica uma série de esforços no que respeita à reprodução de técnicas artesanais, utilização de materiais locais, transporte de objetos de larga escala, disposição e catalogação de centenas de objetos, construção de estruturas, etc.) e até pelas próprias condições climáticas (os corpos suam, as pernas fraquejam, o apetite esvai-se, as mãos tremem ao receberem um copo com água), tudo isso se consubstancia no dito “signo da fadiga”, uma disposição (ética, estética e sociopolítica) que o filme captura e na qual igualmente participa.

De facto, **The Sense of Tuning** constrói-se (numa primeira instância) numa lógica binomial própria do pensamento arquitetónico, opondo o interior calmo, fresco e relaxante ao exterior, caótico, saturado e imparável. Esta oposição faz-se, desde logo, quando os realizadores chegam à casa-estúdio de Bijoy Jain e a encontram quase vazia. Toda a primeira sequência com o arquiteto-artista é dedicada à sua sessão de relaxamento matinal (composta por uma série de alongamentos) e, invariavelmente, o regresso a casa marca uma pausa no bulício do dia (é de lá que partem, frescos; é lá que se praticam as atividades domésticas e os trabalhos artísticos de pormenor; é lá onde almoçam e fazem uma pausa durante as horas mais quentes do dia; é lá onde procuram refúgio no final da tarde). Por oposição, o exterior é o espaço do asfalto (onde convivem carros, camiões, carrinhas, motas, bicicletas, carros de bois, vacas, peões), o espaço do trabalho (as oficinas de marceneiros e de metalúrgicos, a lavandaria pública) e o espaço da religiosidade (o “tanque de água”, espaço de dedicado à ritualização da água como eixo social e espiritual).

No entanto, esta oposição é, progressivamente, dissolvida. Por um lado, os cães dominam o espaço doméstico (são, ao todo, sete!), a casa constrói-se em torno de um pátio aberto, sem teto, numa relação direta com o exterior e, além disso, apresenta-se como um labirinto, no qual o artista se evapora e por onde circulam criados, assistentes e artesãos em permanente circulação. Por outro lado, há uma certa placidez no “tanque de água” (ajudada pelos cânticos religiosos e pela própria amplitude do espaço), há um certo despojamento na brancura dos estendais públicos, cheios de lençóis, e há uma dimensão lúdica na forma como Bijoy Jain circula por entre as oficinas que constituem o seu “paraíso”.

**The Sense of Tuning** poder-se-ia chamar, então, “12 horas na vida de um arquiteto”. De facto, o dispositivo é bastante despido e a dupla Bêka e Lemoine opta, desde o início, por um princípio de total transparência. Todo o filme segue os preceitos do cinema direto, aproximando-se – por vezes – do registo de reportagem, doutras vezes do “filme de viagem”. A câmara digital filma em permanência, agarrada ao corpo de Ila Bêka (o que, por vezes, a subjetiva – a voz do realizador e operador faz-se ouvir em *off*), e Louise Lemoine está encarregue do som, circulando em torno da objetiva com o seu equipamento (microfone, gravador, mochila às costas). A referida transparência é, portanto, também da ordem material: as ferramentas são expostas, os cineastas revelam o seu processo cinematográfico, as costuras estão à vista, a imediatez de todo o projeto faz parte da própria proposta, não fossem os prazos da encomenda extremamente curtos – são os próprios realizadores que se referem ao filme como um espaço onde “o gesto se converte na linguagem da intuição”. Esse minimalismo formal (duas pessoas, imagem e som, filmar em direto) carrega simultaneamente a razão do seu charme e, em certos momentos, a cedência ao olhar fascinado do turista. Nesse sentido, **The Sense of Tuning** pratica uma espécie de despudor exótico-jornalístico que tem a força desarmante da ingenuidade.